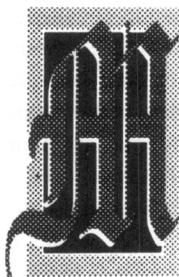


O INÍCIO DO CAMINHO NÃO É O FIM DA PICADA!

Prof. Dr. Reinaldo Matias Fleuri*



étodo significa “*caminho para chegar a um fim*”. Aliás, em grego, caminho se diz pela palavra *ódos*; e o prefixo *metá*, em grego, indica “*além*”, “*transparência*” (Dicionário Aurélio). As-

sim, etimologicamente, o termo *método* implica em duas idéias: a de caminho, meio para se atingir um *objetivo*, que nos conduz a ir *além* da situação presente¹.

O poeta Antônio machado escreveu: *caminante, no hay camino. El camino se hace al andar!*

O caminho se faz ao andar. Isto quer dizer que os caminhos são construídos por pessoas que se movimentam em busca de seus objetivos. Há os caminhos já consagrados pelo repetido uso (verdadeiras auto-estradas asfaltadas, bem sinalizadas e, por vezes, congestionadas), que oferecem segurança para se atingir objetivos já definidos. Mas há também veredas pouco trilhadas que conduzem a lugares pouco conheci-

dos. Como há também lugares desconhecidos para os quais não foram ainda criados caminhos.

Assim, a escolha ou construção do caminho depende, fundamentalmente, dos objetivos, das opções das pessoas. Há os que desejam fazer turismo, usando caminhos e meios seguros para viajar por lugares já bastante frequentados. Há os aventureiros, que desejam conhecer lugares incomuns. Para isso, precisam descobrir trilhas pouco visíveis ou abridas por regiões inóspitas.

Ao colocarmo-nos, portanto, a questão do *método*, é preciso que nos perguntemos pelos nossos desejos, sonhos, interesses. É preciso escolher, priorizar objetivos. É preciso decidir, começar a dar os primeiros passos. De início, com andar incerto, tateando o solo e buscando pontos de vista que permitam descortinar horizontes, estabelecendo balizas para nos orientarmos e escolher as direções a seguir. De dia, as referências se encontram na paisagem iluminada; de noite é preciso observar as estrelas. Em terra, é possível balizar os caminhos com sinais físicos, visíveis e palpáveis.

* Prof. Titular em Fundamentos Epistemológicos da Educação - CED/UFSC.

Já no mar ou no ar, o sistema de navegação pressupõe uso de instrumentos algébricos e cálculos.

Às vezes, caminhamos em círculo. Às vezes, nos vemos perdidos. Às vezes vislumbramos saídas.

Ao analisar o sentido da filosofia, enquanto busca da sabedoria, Platão diz que a *busca* implica, ao mesmo tempo, saber e não-saber. Para colocarmo-nos, em busca, é preciso saber um pouco do que queremos. Mas, só buscamos conhecer mais, por não saber tudo a respeito do que almejamos. Quem se sente sabido, não tem porque procurar saber. Quem se sente ignorante não vê como iniciar a busca de saber². É justamente a partir do que já sabemos que nos colocamos em busca do que ainda ignoramos.

Dá a importância da comunicação e do convívio entre as pessoas. A troca das angústias, de desejos, das questões e desafios, assim como de experiências e de informações nos possibilitam construir saberes. Ao expor meus desejos e lutas a outros, posso despertar seus desejos, mesmo conflitando ou compondo com eles. Ao comunicar minhas experiências e reflexões, outros podem descobrir nelas informações úteis para resolver os problemas que enfrento.

Todavia a comunicação e o diálogo não ocorre como um contato imediato. Dialogamos e construímos relações *mediatizados pelo mundo*, diria Paulo Freire³. Ou melhor, construímos o conhecimento na medida em que enfrentamos os desafios e problemas que se nos colocam na vida. Portanto, problematizar a realidade é o passo fundamental para a construção do conhecimento.

Problema, diria Demerval Saviani⁴, é uma necessidade objetiva, assumida subjetivamente. Neste sentido, *problematizar* significa empenhar-se pessoalmente para explicar e assumir necessidades reais. Ao enfrentarmos juntos as necessidades sentidas, interagimos, buscando elaborar uma compreensão que nos indique pistas para resolvê-las.

Neste sentido, a reflexão e o debate se tornam fecundos quando focalizam problemas que nos desafiam. E, quando conseguimos entender os conflitos que estão à base dos problemas, começamos a vislumbrar pistas e podemos articular ações para resolvê-los. Neste sentido, *a prática é o ponto de partida e a finalidade da reflexão (teoria)*. A prática é também o *critério de verdade* da teoria⁵. Não só no sentido de que a obtenção do resultado esperado de uma determinada atividade indicaria que a proposta (ou a hipótese) inicial estaria correta. Mas, entendendo *prática* como o conjunto de relações que os seres humanos estabelecem entre si ao transformar o mundo, percebemos que a veracidade ou equívocos de nossas teorias vão se explicitando na medida em que agimos e interagimos com os outros. Em razão disso, reformulamos a compreensão e a orientação de nossas atividades.

A este ponto pensei em escrever sobre os princípios da dialética: contradição, superação, totalidade etc. (e há uma porção de textos à disposição, que falamos disso⁶). Mas, neste momento, saltam-me à mente uma porção de questões, de problemas que se colocam através dos conflitos que enfrentamos nas relações educativas que venho estabele-

cendo com grupos de estudos na escola, assim como com grupos vinculados a movimentos populares. Está difícil formular, em perguntas, as raízes dos problemas que enfrentamos. Por isso vou escrever, da forma como consigo neste momento, as questões que sinto emergir entre nós:

Unidade e diversidade. Os movimentos sociais surgem como articulação de grupos e pessoas para resolver problemas sentidos por todos. Mas, como é que constróem metas e caminhos comuns, juntando objetivos, ritmos e passos diferentes, sem negar sua diversidade e multiplicidade?

Dominação e exploração. Quando se sobrepoem os interesses ou formas de agir de alguns sobre os de outros, ou quando alguns renunciam a interagir criticamente com os outros, criam-se relações de dominação. E quando o trabalho de outros é utilizado para beneficiar exclusivamente a alguns, criam-se relações de exploração. Como, então, evitar o surgimento ou promover a superação dos mecanismos e dos processos de exploração e dominação?

Isto pressupõe o entendimento de uma questão de fundo, que é a de como a relação humana se configura como *mestre e discípulo, senhor e escravo*.

O conflito aparece não só no método, ou seja, nos fins e nos caminhos construídos. Mas sua raiz encontra-se, principalmente, nos sujeitos, nas pessoas e nas relações que efetivamente se cultivam.

Nós mesmos, num momento, num contexto, numa dimensão, sentimo-nos construindo a própria subjetividade e

intersubjetividade de maneira crítica, criativa, amorosa, solidária. Em outro momento, contexto ou dimensão, flagramos reproduzindo mecanismos e processos de sujeição e a dominação.

Múltiplos fatores podem interferir nesta mudança de sentidos de nossas práticas e de nossas relações. O medo, é um fator importante. a fuga, o não-enfrentamento do medo, do risco de perda e de morte, possibilita a descoberta do novo, do inusitado, do não estabelecido, do inseguro e ...livre. Quem foge do risco, se submete. Quem enfrenta o risco, liberta-se. É o que diz Hegel, ao analisar a relação entre autoconsciências e ao descrever a dialética do senhor e escravo. E já dizia a sabedoria cristã: quem não arrisca a própria vida, perdê-la-á; quem a arrisca, salva-la-á. O texto da Neila, no livro *O sujeito em questão*, também reflete sobre o medo e a produção do conhecimento.

Então, o fundamental na construção do método, é cultivar entre nós a capacidade e a disposição de arriscar, de assumir e enfrentar os próprios medos, para interagir com outros. E, na relação com companheiros que assumem esta disposição, é possível sentir a própria solidão acompanhada (como canta o cubano Sílvio Rodrigues em *Yolanda*). A solidariedade é, pois, o resultado destas opções e destas relações que construímos momento a momento. Da mesma forma que o isolamento egoísta, ou a timidez submissa, é expressão da fuga dos próprios medos que nos atravancam na construção e realização dos próprios desejos.

É justamente esta questão que tento expressar na poesia que aqui retorno, a mó de conclusão:

Medo e carinho

*Meu coração, não sei porque,
bate feliz quando te vê
e os meus olhos ficam sorrindo
e, pela rua, vão te seguindo
mas, mesmo assim, foges de mim.*

*Do que tens medo minha amiga?
Medo de amar e ser amada,
e, no amor, se perder e levar o
amado à perdição?*

*Mas a dor de se perder no amor é prazer,
felicidade imensa, profunda, única.
A dor, da fuga ao medo, é sofrimento
amargo, sem esperança, estéril.*

*Medo todo mundo sente.
Eu sinto, tu sentes.
O medo te torna, te envolve a todo
instante, por todos os lados.
Tudo, todos se tornam
ameaças aos teus desejos e so-
nhos.*

*Como numa noite sem lua:
cada vulto de neblina
é um fantasma envolvente
que, porém, se desfaz
ao ser penetrado por teu calafrio.*

*Como cão bravo:
se dele foges,
te persegue e estraçalha;
mas, se o amestras,
obedece e te protege.*

*Não fujas ao medo:
ao penetrar no seu coração,
acolhendo no teu ventre suas razões,
vais encontrar o
anúncio do novo,
a coragem, a ousadia
criadora de ti e de mim.*

*Ah, se tu soubesses como sou tão
carinhoso
e muito muito que te quero
e como é sincero o meu amor
não fugirias mais de mim,
não, não!*

*Meu coração, não sei porque,
bate feliz...*

Notas

- ¹ Poderíamos também associar à idéia de método o termo meta (vindo do latim meta), que significa ao mesmo tempo balize, limite e objetivo.
- ² “Nenhum deus filosofa ou deseja ser sábio - pois já é -, assim como se alguém mais é sábio, não filosofa. Nem também os ignorantes filosofam ou desejam ser sábios; pois é nisso mesmo que está o difícil da ignorância: no pensar, quem não é um homem distinto e gentil, imagina ser deficiente naquilo que não pensa lhe ser preciso” (PLATÃO, O Banquete. Trad. José Cavalcante de Souza. São Paulo, Abril Cultural, 1972. Coleção Os Pensadores, v. III. p.41).
- ³ Ver FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 3a ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1975, p. 79.
- ⁴ No texto A filosofia na formação do educador. Saviani (in: Do senso comum à consciência filosófica. São Paulo, Cortez, 1980, p. 17-30) apresenta ‘a filosofia como uma reflexão (radical, rigorosa e de conjunto) sobre os problemas que a realidade apresenta’(p.27).
- ⁵ Este é o sentido dialético da relação entre teoria e prática. Cf. VASQUEZ,

Adolfo Sánchez. **Filosofia da Práxis.** (Filosofia de la praxis). Trad. Luis Fernando Cardoso. Rio de Janeiro, Paze Terra, 1968. 456p. (Série Rumos da cultura moderna, 11). Cf. tb. JARA, Oscar. **Concepção Dialética da educação popular.** São Paulo: CEPIS, maio, 1985. 34p. (Texto de apoio, 2).

⁶ Ver, por exemplo, LÉFEBVRE, Henri. **Lógica formal/lógica dialética** (Logique formelle. Logique dialectique). Trad. Carlos Néelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975. 302p. (Coleção Perspectivas do homem, 100).